

A leitura, por um escritor, da autobiografia de outro escritor

# Mário Dionísio, a cor dos tempos

**José Cardoso Pires**

«Estás agora tão longe, minha imagem desdobrada», tinha escrito há vinte anos o pintor-poeta diante do que era talvez o seu auto-retrato através das cores do tempo.

Retrato mesmo ou uma paisagem? Uma natureza-morta? Uma composição de objectos íntimos carregados de presente e devida? Não sei, mas, retrato ou não, é assim que eu a vejo agora o pintor-poeta quando acabo de ler a sua *Autobiografia*: ele, Mário Dionísio, sentado diante do cavalete, mas desta vez desdobrado em memórias, apontamentos, iluminações, com aquela alegria do rigor que domina os quadros (poucos) e a escrita (muita) que dele conheço.

Em cada tela, ou seja, em cada descrição das formas, da luz e das criaturas que o cercam está ele, não tenhamos ilusões. Ele na sua voz mais íntima e solitária, e tão longe e tão perto que mesmo a ausência se faz presentes, como conta um poema seu. Na realidade, dificilmente algum artista ou algum escritor conseguirá iludir ou apagar o reflexo de si próprio na ordenação das coisas que descreve e muito menos este Pintor Desconhecido, este Poeta de Solicitações e Emboscadas que tantas vezes soube dar aosilêncio portuges.

«Estar presente mesmo quando ninguém me vê», con-

fessou Mário Dionísio num célebre *Antiprefácio* (1965) à sua *Poesia Incompleta*, evocando as dispersões e, de facto, as solicitações que os anos malditos lhe impuseram e nas quais, afinal, se gerou também a lucidez criativa que lhe reconhecemos. Mas, curiosamente, agora que Mário Dionísio se nos apresenta de frente e de corpo inteiro nesta sua *Autobiografia*, é o personagem, ele-próprio, que se *desdobra* (insisto no termo dele) e somos nós, explícitos ou implícitos, que lentamente vamos transparecendo da sua descrição. Nós ou uma parte de nós. Um corpo colectivo. Uma experiência comum. Aquilo que nos faz repensar a coragem e os erros vividos.

Sem dúvida: uma autobiografia é sempre uma projecção dos muitos indícios e confissões que o próprio deixou para trás. A de Mário Dionísio, quanto a mim, tem uma importante matéria complementar nos seus escritos de intervenção, por exemplo, e nas introduções à *O Dia Cinzento* e à *Poesia Incompleta* que só em país aberto e sem complexos de censura poderiam ou podem ser desenvolvidas. Razões que se anotaram para que conste. E todavia importa ler essas páginas para se avaliar ainda melhor a frontalidade intelectual que está por trás e por dentro da vida breve que o escritor nos acaba de relatar. Mesmo assim, a marca indelével está patente. A *Autobiografia* de Mário Dionísio



MÁRIO DIONÍSIO



Autobiografia

sio não se sujeita ao convencional respirar de modéstia nem, por outro lado, se exalta nos discretos egotismos que povoam este tipo de confissões. Nada disso. O que aqui se impõe, e desde logo, é a coragem de em tão reduzido espaço ter optado por enfrentar algumas das experiências mais dramáticas da nossa vida cultural das últimas décadas, sobrepondo a exegese à anedota ou ao fait divers e a integridade ideológica ao circunstancialismo.

Só por isto um livro assim, tão confinado de espaço — tão sucinto, ia eu a dizer — só por isto assume, desde logo, a importância dum referência fundamental no estudo e na avaliação do nosso itinerário cultural a partir dos anos quarenta. A parte de 44, mais exactamente.

*Aquele que se conta conta-nos*

Bem certo, as autobiografias, quando protagonizadas em tempo real e em empenho de clarificação, são sempre plurais. Aquele que se conta conta-nos, levanta e esclarece em cada um de nós muitas interrogações que deixamos para trás. Vivências colectivas. Ecos individuais. Saldos de alegria ou de

Uma das fotos (de 1967) que ilustra a *Autobiografia*, na qual se vêem exactamente, da dir.ª para a esq.ª, Mário Dionísio, José Cardoso Pires, Fernando Namora e Alvaro Salema

pesar, mil coisas. Eu não posso esquecer que foi Mário Dionísio que me abriu as portas da literatura, tenho isso presente, esse encontro decisivo. Não esqueço *O Dia Cinzento*, o assombro que me causou essa forma de contar nem a perturbação que se criou à volta dele e da entrevista com Mário Dionísio que Luís Pacheco publicou em *O Primeiro de Janeiro*. As Exposições Gerais de Artes Plásticas, o Vértice, *A Gazeta Musical* — tudo isso, toda essa resposta ao terror cultural do salazarismo foi marcada pela intervenção do autor da *Ficha 14*, de Portinari, dos Encontros em Paris.

Mário Dionísio pode observar agora que escreveu (de mais e demasiado francamente sobre a obra dos outros) mas dificilmente reconhecerá a quase impossível certeza do muito que os outros lhe estão devendo para além do calor e da saudável inquietação que a sua obra soube levantar na paz provinciana do país censurado. O seu traço exigente ganhou-o ele, quer-me parecer. E a sobriedade do seu estilo, certamente. Mas é também por esse empenhamento na obra dos outros, é por essa incursão ingrata e difícil, que o auto-retrato que acabou de ler agora ganha o tal desdobrar no tempo colectivo a uma luz que é tão dele.

Tenho a *Autobiografia* de Mário Dionísio sobre a mesa. Um rosto na capa, um olhar rigoroso, disciplinado. Ternura mas que sempre conta, penso eu. Ou talvez ante uma ironia terna diluída num instinto de solidão. Será?

«Estou olhando à minha volta e em mim mesmo», murmura ele lá por trás, a páginas tantas da sua *Autobiografia*. E interroga-se: «Desconforto? Apreensão?»

«Que é isso, rapazinho?», responde-lhe eu, nas próprias palavras, que lhe ouvi logo a seguir.

Mário Dionísio  
*Autobiografia*  
Edições O Jornal,  
Lisboa, 1987  
64 páginas. Preço: 30000